



REVISTA ESPAÇO DE DIÁLOGO E DESCONEXÃO

Link: <https://periodicos.fclar.unesp.br/redd>

DOI: 10.32760/1984-1736/REDD/2025.v17i2.20252

Recebido em: 19/05/2025.

Aceito para publicação em: 13/10/2025.

Naomi André Cambará BarbosaUniversidade Federal de São Carlos –
Campus SorocabaOrcid: <https://orcid.org/0000-0001-6683-2422>**Antonio Bernardes**Universidade Federal de São Carlos –
Campus SorocabaOrcid: <https://orcid.org/0000-0002-4996-7031>

Violência e ciberespaço: A manifestação de ataques de ódio nas redes sociais virtuais

Resumo:

Com o advento e a popularização acelerada de novas tecnologias de comunicação e informação, dinâmicas sociais ganharam nova dimensão. As interações e os conflitos que antes se limitavam ao espaço físico agora se estendem para o ambiente virtual, onde podem assumir proporções ainda maiores e mais complexas. Nesse contexto, surge uma preocupação crescente em relação ao papel das redes sociais virtuais em casos de violência extrema. Este artigo apresenta uma reflexão baseada em uma pesquisa que investigou a relação entre os processos de violência e suas manifestações nas redes sociais virtuais. Por meio das interações online, da exposição a conteúdos violentos e da participação em grupos extremistas, busca-se compreender como experiências de marginalização nesses ambientes digitais podem ser reproduzidas e culminar em ataques de ódio em larga escala. Ao observar algumas interações, observamos que há uma relação entre as publicações realizadas e a efetivação de ataques em múltiplos ambientes.

Palavras-chave: Ciberespaço; Redes sociais; Violência; *Bullying*; Radicalização.

Violence and cyberspace: The manifestation of hate attacks on virtual social network.

Abstract:

With the advent and rapid popularization of new communication and information technologies, social dynamics have gained a new dimension. Interactions and conflicts that were once limited to physical spaces now extend into the virtual environment, where they can take on even greater and more complex proportions. In this context, there is a growing concern regarding the role of virtual social networks in cases of extreme violence. This article presents a reflection based on research that investigated the relationship between processes of violence and their manifestations on virtual social networks. Through online interactions, exposure to violent content, and participation in extremist groups, the study seeks to understand how experiences of marginalization in these digital environments can be reproduced and culminate in





large-scale hate attacks. By analyzing certain interactions, it was observed that there is a relationship between the posts made and the occurrence of attacks in multiple environments.

Keywords: Cyberspace; social networks; Violence; Bullying; Radicalization.

Violencia y ciberespacio: La manifestación de ataques de odio en las redes sociales virtuales.

Resumen

Con la llegada y popularización de las nuevas tecnologías, las dinámicas sociales han adquirido una nueva dimensión. Interacciones y conflictos que antes se limitaban al espacio físico se extienden ahora al entorno virtual, donde pueden adquirir proporciones aún mayores y más complejas. En este contexto, crece la preocupación por el papel de las redes sociales virtuales en los casos de violencia extrema. Este artículo presenta una reflexión basada en una investigación que indagó la relación entre los procesos de violencia y sus manifestaciones en las redes sociales virtuales. A través de las interacciones en línea, la exposición a contenidos violentos y la participación en grupos extremistas, se pretende comprender cómo las experiencias de marginación en estos entornos digitales pueden reproducirse y culminar en ataques de odio a gran escala.

Palabras clave: Ciberespacio; redes sociales; violência; intimidación; radicalización.

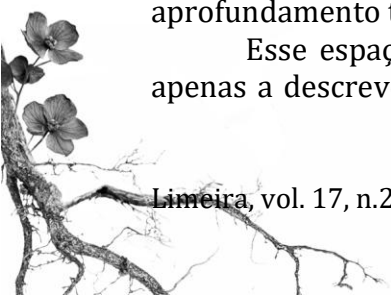
Introdução

As reflexões acerca da expansão do uso das redes sociais virtuais conduzem-nos à consideração de diversas questões acerca de sua popularização e impacto em nosso cotidiano. É notório o impacto que as novas tecnologias da informação e comunicação possuem em diversos âmbitos, tendo como enfoque o meio comunicacional. Essa nova fase do espaço geográfico através de instrumentos de comunicação (*smartphones, tablets, notebooks*, entre outros) demonstra um contexto de mudanças nas quais nós estamos diretamente interligados. Esse novo fluxo de informações reflete uma realidade na qual nossas espacialidades possuem outro sentido, a possibilidade de múltiplas conexões “nenhum lugar em particular, mas todos os lugares ao mesmo tempo” (Mitchell, 1996, p. 8).

Nas décadas de 1980 e 1990, essas discussões ganharam força em múltiplas áreas do conhecimento, ultrapassando os limites das ciências humanas e alcançando também a Geografia. O processo de evolução tecnológica direcionou-se, principalmente, a determinadas áreas dessa ciência, muitas vezes restritas a uma perspectiva quantitativa. Os Sistemas de Informação Geográfica (SIGs), por exemplo, valorizaram a Geografia sob tal viés. Todavia, pensar em tecnologias para além da herança da Geografia Quantitativa implica considerar novas formas de produção do espaço geográfico, que extrapolam os métodos tradicionais, incorporando também aspectos culturais, sociais e informacionais.

Com o advento das redes sociais virtuais, essas discussões tornaram-se ainda mais pertinentes, considerando a ampliação de possibilidades analíticas que tal categoria pode proporcionar. Na qualidade de extensão socioespacial, o ciberespaço configura-se como uma possibilidade de compreensão de outras sociabilidades. Ao examinar o mundo contemporâneo, observa-se que as relações sociais mediadas pelo ciberespaço apresentam convergências com diversos estudos geográficos, ainda que mantenham peculiaridades que demandam maior aprofundamento teórico.

Esse espaço possibilita o surgimento de novas metodologias de pesquisa, aptas não apenas a descrever e analisar o ambiente digital, mas também a interpretar suas dinâmicas





específicas. Os fluxos de informação que lhe são característicos permitem relações sociais mais fluidas, mediadas pela troca de experiências, culturas, ideias e ideologias e processos viabilizados pelas potencialidades singulares do ciberespaço.

Para que essa nova abordagem geográfica seja viável, torna-se necessário ampliar a compreensão da relação entre sujeito e objeto, neste caso, o ser humano e a tecnologia. Pensar o espaço geográfico como palco de todas as ações humanas exige a consideração de uma infinidade de questões sob uma perspectiva geográfica. Trata-se de ir além de uma compreensão superficial das condições e relações sociais no espaço; é preciso contemplar as espacialidades e subjetividades que nele se manifestam, reconhecendo todas as potencialidades oferecidas pelo ciberespaço, o qual serve como ferramenta para integrar diversas formas de vivência em um ambiente que transcende o físico. A vida cotidiana do século XXI está marcada. Em nosso cotidiano, não é incomum vivermos cercados pelo uso intensivo de dispositivos tecnológicos, celulares, *tablets*, *notebooks* e computadores, os quais se incorporaram à nossa condição enquanto sujeitos (Sandoval e Rosales, 2025).

Nossa experiência espacial atual não se limita à interação com o espaço físico, pois nossa comunicação é mediada pelas novas tecnologias. Diariamente, participamos de um ciclo que permite infinitas relações sociais, sem as barreiras de idioma, horário ou distância, apenas uma das muitas facetas da globalização. Transcendemos nossas limitações físicas ao explorar um mundo possível por meio do contato com as novas tecnologias, como as redes sociais virtuais, que nos conectam a comunidades e indivíduos com interesses afins.

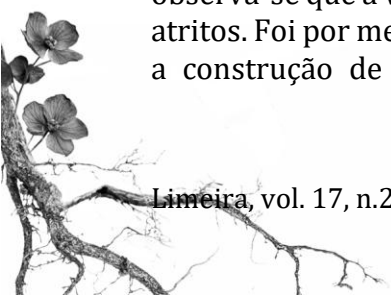
As comunidades virtuais evidenciam essa necessidade inerente de socialização enquanto seres sociáveis, sendo as redes sociais virtuais uma porta de entrada para facilitar esse processo. Não se trata de uma substituição, mas de compreender como esses processos de sociabilidade são mediados pelo ciberespaço. Essa forma de socialização digitalmente mediada permite-nos compreender como tais questões se manifestam em nosso cotidiano, como os sentimentos suscitados por uma reação a uma publicação, por exemplo. Nossos sentimentos e percepções, hoje, não se restringem ao espaço físico, mas tampouco se dissociam dele, configurando, assim, uma nova forma de interação mediada por ambos os espaços.

A reprodução das dinâmicas sociais também se expressa no contexto das sociabilidades virtuais, como a violência, os preconceitos e os discursos de ódio, que potencialmente se tornam catalisadores de ataques massivos em diferentes ambientes. Este artigo buscará analisar os discursos de ódio disseminados por meio das redes sociais virtuais e como a cultura do ódio e da violência é intensificada por essas ferramentas.

A propagação desse culto ao ódio e ao extremismo pode ser compreendida a partir de três possibilidades principais. A primeira refere-se à ideia de que, por ter sido vítima de agressões, o sujeito justifica a adoção da violência como forma de resposta, o que resulta em ataques efetivos nos espaços. A segunda está associada a discursos extremistas, que legitimam ideologicamente ataques e massacres com base em ideias preconceituosas. A terceira possibilidade remete à busca por poder por meio da violência. Essas possibilidades se alinham com Safatle (2008) se refere quando cita que essas manifestações vêm através de interesses construídos por um jogo que se refere à coerência e principalmente identificações com o outro, incitando o sentido de liberdade.

A violência enquanto expressão da cultura do ódio

Ao analisarmos o desenvolvimento da humanidade, notamos que o poder sempre esteve presente em múltiplos contextos sociais, políticos e econômicos. No decorrer desse processo, observa-se que a violência compõe o poder enquanto efetividade para a resolução de quaisquer atritos. Foi por meio da violência que as relações de poder foram se consolidando, evidenciando a construção de uma lógica de superioridade. O poder e a violência estão intimamente





conectados, pois “difícilmente correspondem a compartimentos isolados no mundo real” (Arendt, 1970, p. 46). A violência adapta-se a múltiplas situações, podendo instaurar relações de poder em distintos contextos. O poder e a violência não se apresentam em estado puro, uma vez que sofrem variações e desvios em sua aplicação, podendo manifestar-se de forma explícita ou velada. Ao refletirmos sobre um ato de ódio, como uma agressão, compreendemos que o agressor parte de uma construção sobre a vítima, influenciada por inúmeros fatores. A violência, nesse sentido, não deve ser simplesmente questionada, pois pode manifestar-se tanto de forma racional quanto irracional, dependendo da compreensão do sujeito que a pratica.

Na contemporaneidade, a violência se fez presente em diferentes contextos históricos e culturais, o que evidencia sua permanência ao longo dos séculos como um mecanismo de ação. Essa violência adapta-se aos desejos daqueles que a exercem, assumindo um papel significativo no cotidiano dos sujeitos. A forma mais eficaz de exercício do poder pode manifestar-se por meio da violência; no entanto, para que essa violência seja considerada legítima, faz-se necessária a mediação, hoje possibilitada pelas múltiplas tecnologias. Essas manifestações violentas podem ser instrumentalizadas, (Arendt, 1969) observa que a violência pode ser compreendida por sua função instrumental, aproximando-se das formas de coerção que a estruturam.

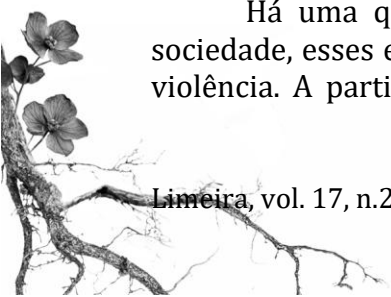
É necessário, também, refletir sobre o seu caráter natural. A violência, por vezes compreendida como irracional ou patológica, pode ser comparada a outros sentimentos humanos (Arendt, 1969). Quando associada à raiva, sentimento humano, a violência emerge diante da impossibilidade percebida de transformar determinadas condições, ordens ou situações sociais ou estruturais. Segundo a autora, esse sentimento manifesta-se especialmente quando nosso senso de justiça é violado em alguma circunstância. No cotidiano, é perceptível que a violência é frequentemente utilizada como resposta imediata a situações percebidas como ofensivas. Tal violência não depende de quantidade para ser efetiva. Como exemplifica Arendt (2011, p. 85):

Mas, uma vez que um homem é admitido, ele sucumbirá ao encantamento inebriante da prática da violência [que] amarra os homens em um todo coeso, pois cada indivíduo forma um elo violento na grande cadeia, torna-se uma parte do grande organismo da violência em expansão (Arendt, 2011, p. 86).

A violência pode ser compreendida como um fenômeno que se adapta às mais diversas condições impostas, seja em ambientes públicos ou privados. Sua natureza instrumental exige orientação e justificação, geralmente relacionadas à finalidade do ato. A violência precisa ser legitimada, e essa legitimação costuma estar vinculada à percepção de um perigo iminente.

As manifestações de violência objeto deste artigo apontam que é no ciberespaço que as coisas acontecem; é por meio de todas as possibilidades ali apresentadas e difundidas que o mundo ganha significado aos olhos de cada sujeito. É por meio dele que as articulações ocorrem, que a organização toma forma, que esses sujeitos se encontram e que a cultura do ódio é incessantemente fomentada. Não se pode, em nenhum momento, excluir a possibilidade de que essas vivências cotidianas que envolvem processos de inclusão ou exclusão social ultrapassem os limites do espaço ou que representem apenas um problema interno. O universo dessas redes digitais é um lugar de encontros e aventuras que, de forma digitalizada, proporciona sensações e sentimentos legítimos e possíveis, como o sentimento de pertencimento, expandindo as próprias relações sociais que compõem de forma efetiva a formação desse sujeito. Possuímos como exemplo as inúmeras comunidades virtuais, que reúnem pessoas no mundo inteiro que possuem um interesse em comum.

Há uma questão latente acerca do reforço de certos códigos sociais presentes na sociedade, esses esquemas são, muitas vezes, implantados de maneira a perpetuar formas de violência. A partir dessas ideologias, a cultura do ódio converte-se em ações concretas de





violência, constituindo uma construção cultural que redefine a realidade vivida através de suas espacialidades. O processo de constituição da identidade está diretamente ligado à interação social gerada pelas ações que ocorrem nesse ambiente. As tensões e a busca por poder acentuam e perpetuam a esfera simbólica que são esses códigos sociais, evidenciando que a violência é, nesse contexto, uma expressão da busca por poder.

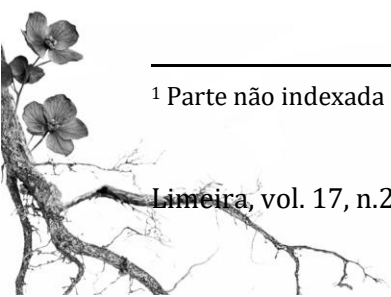
Os movimentos de sociabilidade que ocorrem no ciberespaço representam pontos de encontro e de reconhecimento entre esses sujeitos. É sobre isso que precisamos refletir: sobre como o ciberespaço possibilita tais encontros, contribuindo para a construção da identidade do sujeito que frequenta sua escola, faculdade ou ambiente de trabalho e que pode ser vítima de violências em um espaço inicialmente idealizado como acolhedor. Trata-se de compreender esse processo, esse sujeito que, simultaneamente, está no espaço e nos grupos virtuais; que interage, compartilha emoções e constrói vínculos nesses ambientes, espaços que hoje são percebidos como locais de segurança no mundo contemporâneo.

A cultura do ódio expressa nos lugares

A facilidade proporcionada pelo anonimato favorece uma expressão mais livre dos sentimentos desses sujeitos, que encontram nessas comunidades um espaço de conforto e acolhimento. Ao nos referirmos às comunidades, estamos utilizando o que Bauman (2003) trata ao descrever as comunidades enquanto lugares seguros para esses sujeitos, no sentido da busca por segurança que pela identificação que esses espaços, como as comunidades virtuais proporcionam. Ao manifestar a intenção de realizar um massacre, um dos perfis recebe prontamente a resposta de outro usuário, que inicia o diálogo com a frase: “Não irei te julgar em momento algum”. Essa declaração exemplifica a sensação de segurança anteriormente mencionada. Tais comunidades, altamente interativas, demonstram como o pensamento coletivo pode ser disseminado por meio das virtualidades existentes. As atividades desenvolvidas nesses grupos constituem um atrativo para um público específico. Por exemplo, no ano de 2023, houve um ataque a uma escola na cidade de Monte Mor, região metropolitana de Campinas, interior do Estado de São Paulo. Em depoimento à Polícia Civil, o autor relatou que buscou suas referências em virtuais, comumente encontradas na *Deep Web*¹. Esses espaços são frequentemente compostos por indivíduos que compartilham diversas características, como o fato de estarem vinculados ao ambiente de socialização e o percebem enquanto um espaço de opressão. Contudo, as motivações para a realização de um massacre são variadas.

As interações nas redes sociais virtuais passam a integrar o cotidiano do aluno, de modo que suas sociabilidades não se restringem mais ao espaço físico, estendendo-se ao ciberespaço. Vivemos em um tempo no qual é praticamente impossível realizar atividades cotidianas sem o uso do celular ou demais aparelhos eletrônicos, pois eles compõem o nosso cotidiano. No entanto, é necessário compreender que restringir seu uso não impedirá os sujeitos de interagir pelas redes sociais ou de expressar seus sentimentos e ideologias através das plataformas. Esses espaços de convivência promovem inúmeras possibilidades de sociabilidades, que não necessariamente terminam ao se ausentar daquele ambiente, mas as redes sociais virtuais potencializam essas relações. Após isso, a interação social continua: nos grupos de mensagens, nos chats, nas fotos e publicações feitas online. Esse sujeito desabafará em outros espaços, colocando seus sentimentos e frustrações em ambientes que compõem sua trajetória, ambientes que, em determinados casos, podem motivar ou influenciar atos violentos. Como demonstra (Recuero, 2009), essas manifestações não cessam com o fim do expediente ou horário de aula:

¹ Parte não indexada na Internet, contendo informações restritas.





[...] Uma rede, assim, é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social a partir das conexões estabelecidas entre diversos atores. A abordagem da rede tem, assim, seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar atores sociais e nem suas conexões (Recuero, 2009, p. 23).

Quando essas trajetórias se encontram, ocorre, de fato, a construção do espaço. Se existe um ambiente no qual um sujeito se sente confortável para planejar um ataque de ódio, é porque, em algum nível, os demais integrantes desse grupo demonstraram simpatia ou validação em relação ao ato. Essa exposição revela que as estruturas desses grupos são cuidadosamente organizadas, criando variantes simbólicas do próprio ciberespaço, caracterizando-se como espaços de sociabilidades virtuais. São os interesses particulares desses sujeitos que os envolvem em tais profundidades; é por meio da troca de experiências que os vínculos se consolidam. Essas comunidades virtuais são restritas e camufladas nas redes sociais virtuais, muitas vezes em redes sociais menos utilizadas como o *Discord*², por exemplo. Comumente esses servidores são restritos e suas movimentações se iniciam por esse lugar, esses assassinos e agressores em potencial trocam dicas e até mesmo conversam acerca de suas motivações e planos de execução do atentado, demonstrando que por estarem em um ambiente “privado”, sentem-se mais desinibidos para conversar acerca dos assuntos, regados pelo sentimento de impunidade e segurança que os cercam.

Através dessa dinâmica acelerada das redes sociais virtuais e suas novas interpretações, nota-se que esse apoio simbólico contribui para a concretização da ideia de execução de um ato violento no ambiente virtual ou no espaço físico. Aqui, não me refiro apenas aos ataques em si, mas também às práticas de bullying, que igualmente se instalam nas salas de aula e são reproduzidas no cotidiano. Quando um sujeito encontra validação em tais grupos para expressar discursos preconceituosos, tende a reproduzi-los em seus espaços de convivência, trazendo consigo a ideologia disseminada por essas comunidades.

Conforme Gorgen (2019) essa violência é sistêmica e por meio da lógica neoliberal (Araújo, 2017), são impostas formas de comportamento violentas, criando-se um imaginário de superioridade sustentado por normas reguladoras. O aumento dos discursos de ódio revela, precisamente, essa condição de superioridade, a qual determina a posição do sujeito na hierarquia social. As condições impostas nesses ambientes passam a integrar essa lógica, e o avanço dos discursos conservadores demonstra como esses elementos estão interligados em um sistema estruturalmente enraizado.

A efetivação da violência, o ciberespaço enquanto potencializador

É fundamental ressaltar que as redes sociais virtuais pertencem a empresas privadas, cujos proprietários possuem ideologias e visões de mundo específicas. Durante muitos anos, essas ideologias atuaram de maneira sutil e imperceptível na formação do nosso imaginário social; atualmente, contudo, tornaram-se mais evidentes. Numerosos donos dessas empresas, especialmente nos últimos anos, têm se manifestado publicamente, utilizando o discurso neoliberal da liberdade de expressão.

Os agentes hegemônicos, dos quais essas plataformas fazem parte, possuem total responsabilidade pelo que é difundido por meio de suas empresas. Essa premissa, sustentada em um conceito deturpado de liberdade de expressão, abre caminho para a efetivação de crimes, como o aumento dos inúmeros casos de misoginia nas redes sociais virtuais, conforme aponta um estudo realizado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Além disso, o estudo demonstra que esses conteúdos são monetizados e impulsionados, alcançando milhões de visualizações nas redes sociais e evidenciando a convivência dessas empresas com tais ataques.

² Plataforma de comunicação utilizada para chats, chamadas de vídeo ou de voz.





Essa concepção de liberdade, que vai além da simples questão das *fake news*, possibilita a expansão de atos violentos, mesmo em espaços que não são tradicionalmente associados à violência, os quais são frequentemente justificados como exercício da liberdade de expressão. Os casos de perseguição, ataques e disseminação de ódio nas redes sociais tornam-se cada vez mais frequentes. Tais ações podem ser realizadas por grupos organizados ou por perfis individuais, muitas vezes criados especificamente com o propósito de disseminar ódio e promover ataques.

As motivações para esses ataques são diversas, sendo evidente seu fundamento ideológico. Quando mencionamos que esses ataques frequentemente ocorrem em grupos, referimo-nos a ações coordenadas que se desenvolvem nas redes sociais virtuais. Ao analisar essas comunidades virtuais que utilizam esses espaços de maneira opressiva, observa-se que o senso de coletividade permanece presente mesmo no ambiente virtual.

Destaca-se que tais interações ocorrem mediante as multimodalidades e versatilidades possibilitadas pelas comunidades virtuais (Carvalho, 2005). Essas interações, que podem assumir diversas formas, permitem a organização de grupos para a propagação de atos violentos. Ou seja, uma comunidade virtual mantém as características essenciais do conceito de comunidade, que consiste na reunião de indivíduos em um determinado espaço, neste caso, digital.

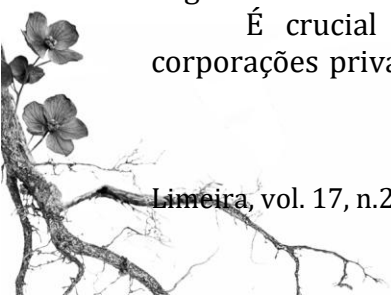
A mediação (de dever dos agentes hegemônicos, neste caso os donos das empresas) desses ambientes digitais por meio da internet nos conduz a uma reflexão sobre a participação ativa de nosso corpo nessas virtualidades. O ciberespaço não deve ser compreendido como uma dimensão separada do espaço geográfico, uma vez que, mesmo quando interagimos por meio de uma interface digital, mantemos intacta nossa percepção espacial do local físico onde nos encontramos.

Para ilustrar esse fenômeno, consideremos o ambiente escolar: um estudante que acessa as redes sociais virtuais durante as aulas continua a estabelecer relações com seus pares, movimenta-se em seu assento e permanece atento ao seu redor na sala de aula. Sua interação ocorre de maneira simultânea em ambos os planos, preservando sua integralidade como sujeito que transita entre essas dimensões complementares. Tais constatações evidenciam que espaço físico e ciberespaço não constituem realidades antagônicas, mas sim facetas integradas de uma mesma realidade espacial através de uma perspectiva superficial de conseguir interpretar o espaço.

Se aceitamos a premissa da unidade do espaço, devemos igualmente reconhecer que os fenômenos que nele ocorrem não se diferenciam em sua essência, mas apenas se adaptam aos diferentes contextos de manifestação. Conforme abordado no tópico anterior, que tratou da violência e de sua atuação no espaço físico, cumpre agora demonstrar sua correspondente manifestação no âmbito digital. Na contemporaneidade, a violência assume configurações renovadas, permeando todos os mecanismos de opressão disponíveis, incluindo as plataformas de redes sociais virtuais.

O surgimento das redes sociais virtuais está intrinsecamente vinculado ao processo de globalização e à crescente demanda por aprimoramento dos mecanismos de socialização. Conforme assinala Bernardes (2020), tais plataformas viabilizam não apenas a comunicação à distância, mas também uma participação social mais ampla e diversificada. Tornou-se incontestável o papel central que essas ferramentas assumiram no cotidiano dos indivíduos, transformando-se em elementos praticamente indispensáveis na organização da sociedade contemporânea. A conexão permanente por meio desses ambientes virtuais consolida-se como uma necessidade fundamental da condição humana na atualidade, imposta através dos agentes hegemônicos sustentados por essa nova lógica neoliberal.

É crucial reconhecer que as redes sociais virtuais constituem propriedade de corporações privadas, cujos controladores detêm concepções ideológicas específicas sobre a





organização social. Essa ampliação conceitual da noção de liberdade tem propiciado a expansão de condutas violentas nesses ambientes, frequentemente justificadas como exercício legítimo de expressão. Os episódios de perseguição virtual, agressões digitais e disseminação de discursos de ódio tornam-se cada vez mais frequentes nas plataformas sociais. Tais manifestações podem ocorrer tanto por meio de ações coordenadas de grupos organizados quanto por meio de perfis individuais criados especificamente com essa finalidade. A rápida propagação desses conteúdos evidencia a urgência de se compreender esses fenômenos em sua complexidade, considerando tanto seus fundamentos ideológicos quanto os mecanismos técnicos que os potencializam.

As motivações subjacentes aos ataques são numerosas e complexas, sendo evidente a existência de uma fundamentação ideológica por trás desses atos. Quando se afirma que tais ataques frequentemente ocorrem de forma coletiva, faz-se referência a ações coordenadas que se organizam por meio de redes sociais virtuais. A análise dessas comunidades digitais, que utilizam esses espaços de modo opressivo, revela que o senso de coletividade persiste mesmo em ambientes virtualizados.

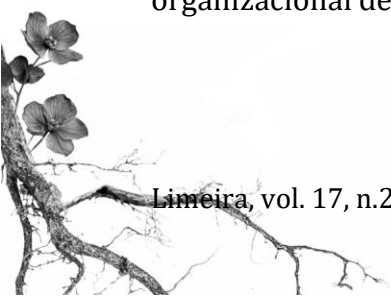
Conforme apontado por Carvalho (2005) essas interações são possibilitadas pelas multimodalidades e versatilidades inerentes às comunidades virtuais.

O crescimento no número de casos de violência está intrinsecamente relacionado à disseminação global desses fenômenos. Não se trata apenas da intensificação desses episódios, mas também do processo de reprodução em diferentes contextos geográficos. As redes sociais virtuais constituem ambientes propícios para a formação de novos vínculos em distintos contextos sociais. Seu papel é particularmente relevante nos processos de sociabilidade que se estabelecem por meio dessas plataformas. Como destacado por (Castells, 2003), essas novas realidades sociais emergem a partir de práticas mediadas pela internet, reconfigurando as dinâmicas de interação coletiva.

[...] o influente livro de Howard Rheingold, *The Virtual Community* (1993), deu o tom do debate ao defender veemente o nascimento de uma nova forma de comunicação, que reuniria as pessoas on-line em torno de valores e interesses compartilhados. Criando laços de apoio e amizade que poderiam se estender também à interação face-a-face. Sociabilidade irrestrita era a promessa. [...] No entanto, à medida que a Internet se difundiu para o conjunto da sociedade, seus efeitos sobre a sociabilidade tornaram-se consideravelmente menos espetaculares (Castells, 2003, p. 100).

Os processos de sociabilidade, particularmente no contexto juvenil, expressam a necessidade fundamental de pertencimento dos indivíduos, demonstrando como os espaços, tanto físicos quanto virtuais, adquirem valor simbólico nessa construção identitária. Esses grupos organizam-se a partir de diferentes perspectivas, conforme suas finalidades específicas, sendo essencial, contudo, a existência de um interesse comum que constitua o elemento aglutinador da comunidade. As novas formas de interação social funcionam como agentes transformadores dos espaços relacionais, alterando inclusive os padrões comunicacionais a partir da inserção das redes sociais virtuais. Ao analisar essas potencialidades, é fundamental examinar seu impacto no contexto da promoção das sociabilidades, observando como tais interações geram sentimentos e posicionamentos que se estendem para outros ambientes, incluindo os múltiplos espaços de convivência. Conforme destacado por (Recuero, 2005), essa organização grupal dá origem a estruturas específicas, que emergem a partir de padrões particulares desenvolvidos pelo coletivo. A autora ressalta que a própria configuração organizacional desses grupos deriva desses padrões relacionalmente construídos.

[...] a interação que é cooperativa pode gerar a sedimentação das relações





sociais, proporcionando o surgimento de uma estrutura. Quanto mais interações cooperativas, mais forte se torna o laço social desta estrutura, podendo gerar um grupo coeso e organizado. Na organização da comunidade virtual, portanto, é necessário que exista uma predominância de interações cooperativas, no sentido de gerar e manter sua estrutura de comunidade (Recuero, 2005, p. 14).

Conforme demonstrado por (Recuero, 2005), as interações cooperativas em ambientes virtuais manifestam-se em padrões comportamentais e estéticos observáveis nas interações sociais. Tais padrões, quando associados a características específicas, podem servir como indicadores de risco. As comunidades que propagam ideologias de ódio criam estereótipos que se consolidam no imaginário social, principalmente por meio da reprodução de padrões disseminados pelas redes sociais virtuais.

Essas comunidades altamente interativas demonstram como o pensamento coletivo pode ser amplificado por meio de ambientes virtuais. As atividades desenvolvidas nesses espaços atraem um público específico que compartilha características comuns, como o ódio direcionado à minorias sociais, por exemplo. Contudo, para o planejamento desses ataques, transcendem a noção de vingança contra agressores específicos, manifestando-se principalmente como busca por poder e reconhecimento por meio da violência.

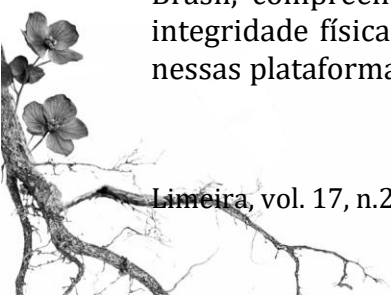
As redes sociais virtuais tornaram-se extensões da vida desses sujeitos. Como aponta (Recuero, 2009), as interações sociais prolongam-se para além do espaço físico, manifestando-se em grupos de chat, fóruns e publicações digitais. Nesses ambientes, os sujeitos encontram canais alternativos para externalizar frustrações e angústias, espaços que integram sua trajetória psicossocial e que, em determinadas circunstâncias, podem servir como catalisadores para comportamentos violentos.

[...] Uma rede, assim, é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social a partir das conexões estabelecidas entre diversos atores. A abordagem da rede tem, assim, seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar atores sociais e nem suas conexões (Recuero, 2009, p. 23).

A intersecção dessas trajetórias individuais no ciberespaço constitui um ambiente propício para o planejamento de atos violentos. A existência desse espaço de conforto digital pressupõe, necessariamente, uma rede de apoio e convivência entre os participantes, onde a simpatia coletiva pelo ato violento se manifesta como elemento coesivo. Como demonstra a análise dessas estruturas grupais, sua organização revela um planejamento meticuloso na criação de variantes simbólicas que ressignificam o próprio ciberespaço, caracterizando, assim, formas particulares de sociabilidade virtual.

A produção do espaço ganha uma nova interpretação. O termo, que é central nas discussões da Geografia, possui diversas particularidades que estão atreladas à perspectiva teórico- metodológica adotada. Se aqui estamos elencando que não há um ciberespaço diferente de um espaço físico, consideramos que “a Internet é operada pela existência e nos coloca em relação, uns com os outros, por meio das redes sociais virtuais, ou seja, pelo ciberespaço.” (Bernardes; Aguiar; Junior, 2023, p. 508).

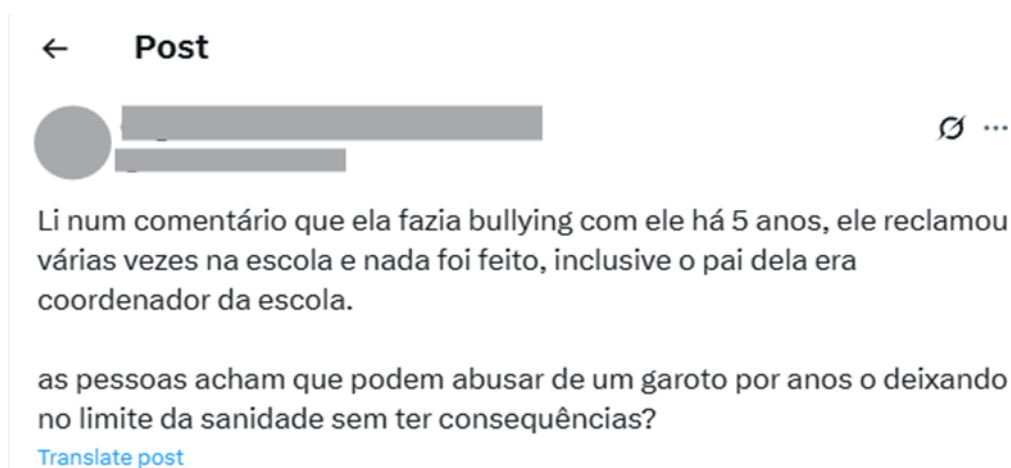
Dessa forma, compreendemos que todas essas ações que ocorrem no ciberespaço desdobram-se no espaço, pois estamos situados em um lugar no mundo a partir de um lugar (Bernardes; Aguiar; Junior, 2023, p. 508). O lugar, sendo um fenômeno do cotidiano, confere à violência essa mesma característica cotidiana. Ao analisarmos pesquisas acerca da violência no Brasil, compreendemos que essa exposição à violência cotidianamente inclui a ameaça à integridade física e à integridade psicológica, sendo que o efeito em pessoas que são ativas nessas plataformas, tende a ser ainda maior. Abaixo há uma exemplificação de como a cultura





do ódio é excessivamente presente em algumas redes sociais, como é o caso da rede X, utilizada enquanto plataforma de interação por milhares de sujeitos. No dia 09 de maio de 2025 no estado de Minas Gerais, um estudante do 9º ano do ensino fundamental invadiu uma sala de aula e desferiu golpes de faca em uma colega de turma. Segundo informações do veículo de comunicação G1, dois adolescentes foram apreendidos, um por suspeita de cometer o ato e o outro por suspeita de participar do plano. O assunto viralizou na rede social X, onde uma página contendo mais de 1.000 seguidores realizou uma publicação insinuando que a vítima teria cometido bullying com o autor do ataque. Entretanto, essa informação não foi confirmada e todas as acusações tratam-se apenas de especulações. Ao realizar a publicação, inúmeros comentários de ódio não apenas a vítimas, mas igualmente comentários de cunho misógino e machista, demonstrando um evidente ódio às mulheres.

Figura 1 - Captura de tela na rede social X



Fonte: Barbosa, 2025.

Figura 2 - Captura de tela na rede social X



Fonte: Barbosa, 2025.



 
Consequências? Mulher? KKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKK
KKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKK KKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKK
KKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKK O dia que mulher lidar com as próprias
consequências o mundo acaba

11:41 PM · May 10, 2025 · **112** Views

Na Figura 1, é possível observar, pela quantidade de curtidas que aqui será interpretada como um movimento de concordância, que, para essas pessoas, o sistema de hierarquização em que a mulher se encontra abaixo do homem deve ser mantido. Nesse sentido, podemos interpretar que as expressões de violência não se restringem a um único local ou forma; muitas vezes, representam um preconceito, ódio ou repulsa por uma minoria social ou por um gênero, por exemplo.

Fica, então, evidente, por esse esquema narrativo, que o código da violência estabelece dualidades como “submeter/ser submetido”, “matar/ser morto”, “abater/ser abatido” e, nessas polaridades, legítima, em nome da autopreservação, o uso intencional da força (de qualquer natureza) para aniquilar ou neutralizar o outro que ameaça a autossuficiência subjacente à autonomia. [...] Isso implica em práticas culturais que se prestam como código de poder para resolver conflitos e submeter a alteridade à condição de responsável (moral, inclusive) pela ameaça de extermínio da identidade (De Andrade e Gonçalves, 2024, p. 335).





possíveis nessas plataformas, como é o caso da reprodução de *trends*³, a exemplo da que ocorreu em abril de 2023. Os discursos de ódio têm se expandido consideravelmente, e a incitação à concretização de ataques está presente em inúmeros espaços digitais. Para determinados grupos, a violência é vista como a única forma eficaz de combater a opressão sofrida, como demonstram as imagens acima. Quando o sentimento de revolta se transforma em desejo de vingança, a reação tende a ser violenta, com ataques que não se limitam apenas aos agressores, mas se estendem às comunidades das quais são direcionados comentários de ódio. Esse ódio nem sempre possui uma motivação, muitas vezes são direcionados às minorias sociais que se encontram em uma situação de vulnerabilidade. No caso acima, podemos observar que os comentários não eram direcionados apenas à vítima, mas sim a todas as mulheres, sempre enfatizando o ódio sentido.

Para os autores dessas publicações, a rede social torna-se um ambiente tão confortável que promove a normalização de determinados assuntos ali tratados. É notório que nem todas as ameaças realizadas por meio das redes sociais virtuais são feitas de maneira séria; entretanto, há uma questão que merece destaque, relacionada à banalização dos discursos. O ambiente seguro desses sujeitos transmite uma sensação de proteção que, por diversas vezes, permite manifestações nas mais variadas formas, como, por exemplo, a expressão de opiniões sobre temas delicados com naturalidade, como no caso apresentado acima.

Esse ambiente possibilita que esses sujeitos expressem espontaneamente todos os seus pensamentos. É pela possibilidade de não revelar sua identidade que surge a segurança de publicar pensamentos como os demonstrados nas figuras acima. O anonimato decorre dessas condições, como expresso por Silva (2022), ao tratar da sensação de segurança proporcionada por ele. Dessa forma, o indivíduo se esconde por trás de fotos de personagens, *emojis* ou pseudônimos, de modo a garantir que todas as suas falas não sejam associadas à sua identidade.

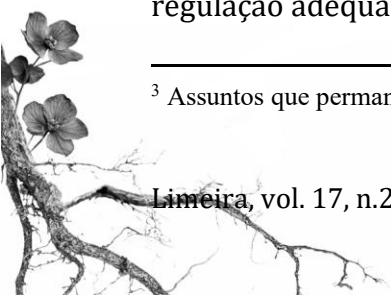
Conclusão

As redes sociais virtuais configuram-se como ambientes de múltiplas possibilidades, pelas quais os jovens encontram espaços de convívio, segurança e conforto que, frequentemente, não estão disponíveis no contexto social tradicional. Essas plataformas possibilitam a construção de identidades coletivas e o fortalecimento de laços sociais, podendo gerar uma potencial sensação de pertencimento. Contudo, esse mesmo sentimento pode ser direcionado para ações negativas, como a propagação de discursos de ódio e a organização de atos violentos.

A partir dessa reflexão e dos comentários obtidos nas redes sociais virtuais, observamos que as comunidades virtuais não se restringem ao ambiente digital, mas exercem influência direta sobre as relações e comportamentos no espaço físico. Os simbolismos e subjetividades construídos no ciberespaço são transferidos para o mundo real, moldando as interações sociais e as dinâmicas sociais. Em diversos casos, essas comunidades mantêm-se ativas mesmo após eventos traumáticos, perpetuando narrativas e comportamentos que podem desencadear novos episódios de violência.

As imagens apresentadas, assim como as notícias revelaram que esses sujeitos, que muitas vezes estão em processo de construção social e identitária, apresentam particular vulnerabilidade à influência das redes sociais virtuais. Essas plataformas, ao facilitarem o acesso à conteúdos extremistas e informações sobre ataques violentos, podem contribuir para a normalização da violência e do discurso de ódio. Embora nem todas as manifestações nas redes sociais representem ameaças concretas, a banalização desses temas e a ausência de regulação adequada nas plataformas constituem aspectos preocupantes.

³ Assuntos que permanecem em destaque através das plataformas das redes sociais.



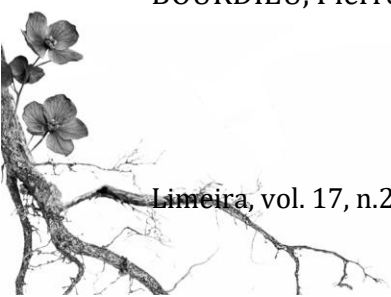


Os relatos encontrados nessas redes sociais evidenciam que esses meios de comunicação são eficazes na criação de espaços de diálogo muitas vezes indisponíveis no ambiente em que se encontram, estabelecendo redes de comunicação que se expandem e oferecem novas formas de interação. O problema reside no fato de que, por meio das múltiplas possibilidades proporcionadas pelas redes sociais virtuais, alguns indivíduos podem utilizá-las como ferramentas para organizar ataques, disseminar ódio ou veicular ameaças, comprovando assim a relação direta entre essas plataformas e os casos de violência nas redes sociais virtuais.

A violência e a busca por poder, manifestadas no ciberespaço, refletem a fragilidade dos jovens e a complexidade dos desafios enfrentados através das relações sociais virtuais. Por fim, as reflexões decorrentes deste artigo destacam a necessidade de compreender o impacto do discurso neoliberal e da cultura digital contemporânea na normalização da violência e na propagação do ódio. As redes sociais virtuais, embora ofereçam oportunidades de conexão e expressão, também representam um terreno propício para a radicalização de ideias e a organização de ações violentas. Diante disso, torna-se imperativo repensar o papel dessas plataformas e implementar estratégias eficazes para prevenir a violência, assegurando um ambiente que promova a segurança como condição essencial para o convívio social. As manifestações nas redes sociais virtuais podem constituir um mecanismo de comunicação altamente eficaz para a organização juvenil em determinado contexto. Essa organização transborda para o espaço físico de diversas formas, nem sempre por meio de ataques diretos, mas também através de outras manifestações de violência.

Referências

- ARAÚJO, Carlos Sidney Avelar. **Estado e violência em tempos de capitalismo neoliberal**. 2017. 160f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2017.
- ARENDT, Hannah et al. A crise na educação. **Entre o passado e o futuro**, v. 5, p. 221-247, 2000.
- ARENDT, Hannah. **On Violence**. New York: Harcourt, Brace & World, 1970. 106 p.
- ARENDT, Hannah. Reflections on violence. **Journal of International Affairs**, 1969.
- ARENDT, Hannah. **Sobre a violência**. 3ª ed. Tradução de André de Macedo Duarte. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- BERNARDES, Antonio. COMO PESQUISAR AS REDES SOCIAIS VIRTUAIS EM GEOGRAFIA?. **Estudos Geográficos: Revista Eletrônica de Geografia**, v. 18, n. 2, p. 22-34, 2020.
- BERNARDES, Antonio; AGUIAR Felipe; JUNIOR, Nelson Cortes Pacheco. A morte do Ciberespaço. **Portais da Terra : contribuições dos estudos humanistas para a Geografia Contemporânea** / organizadores, Eduardo Marandola Jr., Werther Holzer, Gustavo Silvano Batista. – Teresina : EDUFPI, 2023. 550 p
- BOURDIEU, Pierre. Distinction. In: **Social theory Re-wired**. Routledge, 2016. p. 198-215.





CARVALHO, João Eloir. **Os benefícios das atividades lúdicas para a prevenção do bullying no contexto escolar**. 2012. Tese de Doutorado. Universidade do Minho (Portugal).

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia Internet: reflexões sobre a Internet, negócios e a sociedade**. Zahar, 2003.

DA SILVA, Ana Teresa Gonçalves. **O Anonimato nas Redes Sociais e a Propagação do Discurso de Ódio: Em Especial, as Ofensas à Honra e ao bom Nome**. 2022. Dissertação de Mestrado. Universidade de Coimbra (Portugal)

DE ANDRADE, Fernando César Bezerra; GONÇALVES, Catarina Carneiro. Escolas, palco e alvo de massacres:(trans) formações do código da violência. **Estilos da Clínica**, v. 29, n. 3, p. 328-342, 2024.

GOERGEN, Pedro. Educação & sociedade e as políticas públicas em educação. **Educação & Sociedade**, v. 40, 2019.

LIMA, Allana. Adolescente é apreendido suspeito de envolvimento na morte de aluna atacada por colega de classe em Uberaba. G1, Uberaba, 10 maio 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2025/05/10/adolescente-e-apreendido-suspeito-de-envolvimento-na-morte-de-aluna-atacada-por-colega-de-classe-em-uberaba.ghtml>. Acesso em: 19 maio 2025.

MITCHELL, W. **City of bits: space, place, and the infobahn**. Cambridge, MA: The MIT Press, 1995.

RECUERO, Raquel da Cunha. Redes sociais na Internet: Considerações iniciais. In: **E-Compós**. 2005.

RECUERO, Raquel. Redes sociais na internet, difusão de informação e jornalismo: elementos para discussão. **Metamorfoses jornalísticas**, v. 2, p. 1-269, 2009.

SANDOVAL, MARIANA BETSABÉ MARTÍNEZ; ROSALES, ELSA EDITH RIVERA. Uso del celular y su impacto en la vida diaria. **Cienciacierta**, v. 21, n. 82, p. 171-183, 2025.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. Autêntica, 2016.

